STUDIA IBERYSTYCZNE

13

2014

UNIVERSOS DE LÍNGUA PORTUGUESA EM DEBATE

ŚWIATY JĘZYKA PORTUGALSKIEGO

eds.
Anna Rzepka
Natalia Czopek

KSIĘGARNIA AKADEMICKA

Kraków

Eds. Anna Rzepka / Natalia Czopek

© Copyright by Instytut Filologii Romańskiej Uniwersytetu Jagiellońskiego and individual authors, 2014

Correção linguística:
Ana Wąs-Martins, Cláudio Vinagre
Redação: Edyta Wygonik-Barzyk
Desenho da capa: Igor Stanisławski

A publicação é subsidiada pelo Ministério da Ciência e do Ensino Superior da Polónia (auxílio *de minimis*) e pela Faculdade de Filologia da Universidade Jagelónica

Publicado em forma de e-book junto com as 150 cópias em papel

A versão principal é a versão em formato digital

ISSN 2082-8594
e-ISSN: 2391-7636

KSIĘGARNIA AKADEMICKA
ul. św. Anny 6, 31-008 Kraków
tel./faks: 12 431-27-43, 12 663-11-67
e-mail: akademicka@akademicka.pl
La librería digital – A livraria digital:
www.akademicka.pl

Wstęp 7
Prefácio 11

LITERATURAS EM LÍNGUA PORTUGUESA

Yana ANDREEVA, *A busca de identidade em «Jornada com Rupert» de Salim Miguel* 17
Kathryn BISHOP-SANCHEZ, *Texto reescrito, texto esquecido: «Philidor», uma pérola queirosiana* 29
Gabriel BOROWSKI, *A vantagem dos míopes: entre história e literatura* 41
Anna DZIAŁAK, *D. Teresa, mãe de D. Afonso Henriques, à luz da «Crónica de El-Rey D. Affonso Henriques» de Duarte Galvão. As «origines regni» revisadas* 53
Filipa FREITAS, *«Encarnação e Ressurreição de Cristo»: duplicação de um modelo textual* 67
David FRIER, *A Política do casamento: adultério, família e paternidade em Camilo Castelo Branco* 81
Patrícia INFANTE DA CÂMARA, *O silêncio nas páginas de «Novas Cartas Portuguesas» (Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa) e na imagética monocromática de Helena Almeida – uma perspetiva interdisciplinar* 99
Anna KALEWSKA, *A tradição de Camões na poesia brasileira durante o Arcadismo ou a reinvenção do imaginário épico em «O Uruguay» de Basílio da Gama e n'«O Caramuru» de Santa Rita Durão* 111

Kamila KRAKOWSKA, *As memórias perdidas da nação moçambicana: «Terra Sonâmbula» e «O Outro Pé da Sereia» de Mia Couto* 133
Júlio Cesar MACHADO DE PAULA, *«Nem todas as crianças vingam!»: genealogia e afrodescendência na literatura brasileira* 149
Jerusa PIRES FERREIRA, *António Vieira: prolongada presença, voz profética e performance* 161
Pierre-Michel PRANVILLE, *O estranho caso do romance policial na literatura lusófona* 171
Ana RIBEIRO, *De José para José: o último Saramago segundo Rodrigues dos Santos* 183
Artur Henrique RIBEIRO GONÇALVES, *Maria Teresa Horta e Leonor de Almeida Portugal: do grão de luz ao bago da romã…* 195
Sandra TEIXEIRA, *O «cordel do cordel»: deambulações pelo acervo Raymond Cantel* 205
Bálint URBÁN, *A emergência do sujeito político em «Levantado do Chão» de José Saramago – uma perspetiva rancieriana* 219
Magdalena WALCZUK, *«Cadernos Negros» – vozes afro-brasileiras às margens da literatura* 231
Anna WOLNY, *A mulata – entre o ódio e o amor* 243

LINGUÍSTICA E ESTUDOS DE TRADUÇÃO

Hanna J. BATORÉO, *Criatividade Linguística, Cultura e Ensino da Língua Portuguesa (Português Língua Não-Materna): O que a Linguística Cognitiva nos ensina acerca das diferenças entre o Português Europeu e o Português do Brasil?* 259
José BORGES NETO, *A manutenção da perspectiva clássica sobre a linguagem como empecilho para os estudos morfológicos* 273
Alexandre Marcelo BUENO, Regina PIRES DE BRITO, *Português como língua estrangeira: difusão do português em contexto timorense* 285

Vesela CHERGOVA, *Estudo contrastivo da configuração das categorias verbais em português e em búlgaro* 297
Joaquim COELHO RAMOS, *Ocorrência e interpretação dos modais* poder *e* dever *em português jurídico* 317
Natalia CZOPEK, *As influências linguísticas portuguesas em África fora das fronteiras dos PALOP* 327
Przemysław DĘBOWIAK, *A língua portuguesa na transcrição cirílica num dicionário do século XVIII* 343
Bartosz DONDELEWSKI, «*Falar diferente*» *e conservar um geoleto vernáculo. Notas sobre a importância da fonética no fortalecimento dos princípios da identidade de G. Breakwell no caso da comunidade d'a fala de Xálima (Cáceres, Espanha)* 357
Joanna DRZAZGOWSKA, *Infinitivo pessoal – um fenómeno português? Algumas observações acerca do infinitivo flexionado* 371
Jan HRICSINA, *Substituição do gerúndio pela construção a + infinitivo no Português Europeu (estudo diacrónico)* 383
Jakub JANKOWSKI, *Banda Desenhada portuguesa traduzida para polaco. Abordagem histórica e teórica na área dos estudos de tradução* 403
Sylwia MIKOŁAJCZAK, *Características fonéticas do Português da Ilha Terceira* 417
Anna OLCHÓWKA, *Vencedores, heróis, craques… A imagem linguística do êxito desportivo na imprensa eletrónica portuguesa* 425
Bożenna PAPIS, *O tratamento das formas de tratamento nas aulas de português língua estrangeira* 435
Hanna PIĘTA, *De periferia a periferia: constantes e variações na história externa da tradução da literatura polaca em Portugal* 445
Sergio ROMANELLI, *A língua portuguesa nas traduções do Imperador Dom Pedro II* 461
Ildikó SZIJJ, *Verbos irregulares com prefixo em português e outras línguas românicas* 473
José TEIXEIRA, *Língua escrita e língua real: o que um corpus oral permite descobrir* 487

Małgorzata WIELGOSZ, *Modalidade epistémica e evidencialidade nos sermões católicos na língua portuguesa* 507

VARIA CULTURALIA

Anabela BRANCO DE OLIVEIRA, *O cineasta e a cidade: Manoel de Oliveira e O Porto* 521
Grażyna JADWISZCZAK, *O fenómeno «Amália» – um capítulo crucial na história religiosa do Fado* 535
Paulo PIRES PEPE, *Queerizações da Música Popular de António Variações* 551

DOI: 10.12797/SI.13.2014.13.15

Ana Ribeiro
Universidade do Minho
anar@ilch.uminho.pt

De José para José: o último Saramago segundo Rodrigues dos Santos

Resumo:
Os *media* e a sociedade de consumo provocaram alterações na conceção de escritor. Atualmente, um escritor desdobra-se em entrevistas ao longo da sua vida, sobretudo se lhe é atribuído um prémio, como sucedeu com José Saramago. Nesta comunicação, deter-nos-emos sobre a edição em livro da sua última entrevista, da responsabilidade de José Rodrigues dos Santos, com o propósito de discutir a relevância da seriação das entrevistas chamadas literárias e analisar a imagem do Nobel português que se desprende deste texto.
Palavras-chave: José Saramago, José Rodrigues dos Santos, *A última entrevista de José Saramago*, entrevista literária, transcrição.

Abstract:
José and José: the last interview of Saramago by Rodrigues dos Santos
Media and consumer society have changed the conception of writer. Today writers keep being interviewed throughout their lives, especially when they win a prize, as has happened to José Saramago. In this paper, we will study his last interview, edited in a book by José Rodrigues dos Santos, aiming at discussing the relevance of serializing the so called literary interviews and analyzing the image of the Portuguese Nobel conveyed by this text.

Keywords: José Saramago, José Rodrigues dos Santos, *A última entrevista de José Saramago*, literary interview, transcription.

Creio que me fizeram todas as perguntas possíveis. Eu próprio, se fosse jornalista, não saberia o que perguntar-me.
José Saramago, numa entrevista
ao *Diário digital* [2009]

Adeus, torre de marfim!

Como é sabido, a comunicação social é um aliado importante para a promoção de um autor e da sua obra, com efeitos diretos no seu sucesso, designadamente em termos comerciais, fator importante numa época em que o livro, para além de bem cultural, é encarado como um bem económico que importa rentabilizar ao máximo. Uma vez que, para o leitor, "l'auteur apparaît comme la «réponse» à la question que pose son texte" [Lejeune, 1986: 87], só ele pode prestar os esclarecimentos necessários sobre aquilo que leva o seu nome. Daí que os *media* solicitem frequentemente entrevistas a escritores.

Dividido entre "a vanidade das operações mediáticas e publicitárias dos livro [*sic*] e dos autores" [Saramago, 1998: 33] e a sua necessidade, José Saramago cumpriu este tirocínio até bem perto da sua morte. Aquela que viria a revelar-se a sua derradeira entrevista foi para o ar a 1 de novembro de 2009, no âmbito do programa *Conversas de escritores*, da responsabilidade de José Rodrigues dos Santos (JRS). É a transcrição desta entrevista que encontramos em *A última entrevista de José Saramago* [Santos, 2011]. As diversas vidas desta entrevista, a análise do seu texto, assim como uma reflexão em torno da relevância do critério ordinal na classificação de uma entrevista serão as linhas orientadoras deste trabalho.

Da conversa aos livros

A entrevista de que nos ocuparemos é devedora do formato de um programa televisivo intitulado *Conversas de escritores*, transmitido em diferido entre agosto e dezembro de 2009 na extinta RTPN, às quartas-feiras, por volta da meia-noite, com a duração aproximada de 30 minutos.

A edição em livro das entrevistas televisivas, surgida em 2010, repete o título do programa, sugerindo uma contiguidade entre as duas versões. Esta nova forma de existência torna as entrevistas acessíveis a novos públicos e confere-lhes uma existência menos episódica.

Nesta nova formulação, há todo um aparato condizente com o formato 'livro', designadamente através da introdução de um subtítulo e de uma "Apresentação", os quais contêm informação sobre a origem e o âmbito do programa. Os bastidores de cada entrevista são apresentados numa pequena nota que antecede cada uma das transcrições.

O subtítulo de *Conversas de escritores*. *Diálogos com os grandes autores da literatura contemporânea*, especifica os escritores genericamente anunciados pelo título: "grandes autores da literatura contemporânea". Segundo a "Apresentação", "Um escritor é grande quando gostamos muito do que escreve. Como critério dominante procurei pois a notabilidade; era ela a garantia de que certos autores são extraordinários porque é isso o que deles pensa a sua legião de fãs" [Santos, 2010: 14]. Os convidados de JRS são, pois, escritores consagrados pelo número. A notabilidade e consequente 'entrevistabilidade' resulta também da consagração pelo prémio, como sucede com Saramago, Günter Grass ou Ian McEwan.

Inicialmente integrada neste projeto de âmbito mais geral, a entrevista a José Saramago destaca-se dele ao passar a ter a existência autónoma que lhe confere a edição individual. A morte do escritor a 18 de junho de 2010 fez da entrevista que ele concedera à RTP em outubro do ano anterior a sua última entrevista. Pela sua publicação isolada, a única a partir do conjunto de entrevistas realizado por JRS, este diálogo é transferido para um domínio particular, tanto mais que

é publicado quando se completa um ano após o desaparecimento do autor, funcionando como uma homenagem e, por isso, como uma forma de o recordar e manter vivo.

Na sua terceira vida, a entrevista a José Saramago vai conhecer outras molduras, decorrentes do novo contexto que a adotou. Assim, o título escolhido, *A última entrevista de José Saramago*, bem como a epígrafe acrescentada, da autoria do homenageado, são bem esclarecedores quanto à especificidade do reaproveitamento da entrevista televisiva.

As marcas da reutilização da entrevista num âmbito diferente do original continuam noutros elementos do peritexto, designadamente o texto da autoria de Pilar del Río, viúva do escritor. Embora ela assine as suas palavras apenas em nome pessoal, a sua presença não deixa de ter um aporte institucional, já que ela é também presidente da Fundação José Saramago. A pequena roda azul que, na capa, destaca o "Prefácio de Pilar del Río" decorre certamente desta dupla qualificação de Pilar.

Depois deste texto, e igualmente impresso sobre lutuoso papel negro, repete-se a introdução que JRS incluiu na edição original das entrevistas, mas agora com o título, "O ano da morte de José Saramago". Este título revela-se enganador a vários níveis, não só porque o escritor não morreu nem no ano da entrevista, nem no ano da sua publicação solitária, mas também, e sobretudo, porque o assunto do texto é a relação entre os dois Josés. É ainda do trato entre o escritor e o jornalista que se ocupa o prefácio de Pilar del Río, significativamente intitulado "Saramago e Rodrigues dos Santos entenderam-se" [Santos, 2011: 7].

Após a transcrição da entrevista sobre contrastante fundo branco, regressa o papel escuro com uma "Nota final" da autoria de JRS. Esta espécie de adenda à apresentação, ausente da anterior versão impressa, serve para reclamar o diálogo antes reproduzido como "o derradeiro, e por isso mais completo, testemunho" do autor de *Levantado do chão*, justificando assim a sua publicação avulsa. Além disto, refere a revisão do texto da entrevista por Saramago a instâncias do jornalista. Quer isto dizer que, apesar do papel desempenhado pelo entrevistador, os entrevistados não deixam de ser "autores conscientes"

[Marques, 2009: 13] das entrevistas que concedem, já que, afinal, é deles a última palavra. Tudo isto remete para a construção conjunta da personagem do escritor subjacente às suas diversas aparições, particularmente às mediáticas.

O que disse José Saramago

Nesta sua nova vida, a transcrição da conversa televisiva recebe um título, "A última grande entrevista", quase coincidente com a designação da obra. Esta nova formulação valoriza duplamente o diálogo, que é emparceirado com outras entrevistas consideradas grandes, das quais se destaca, no entanto, por ser o ponto final.

Nesta "grande entrevista", "a ideia não é concentrar a conversa num livro específico, mas abordar a sua obra em geral" [Santos, 2011: s/p], projeto que a longa carreira literária do escritor poderá favorecer. Apesar da satisfação demonstrada por Saramago com a intenção anunciada, o amplo espetro da entrevista não é garante de originalidade na abordagem a realizar. Uma aproximação deste tipo propicia até as questões correntes relativas, por exemplo, ao início da atividade de escritor, aos rituais de trabalho…

O guião preparado por Rodrigues dos Santos não escapa a esta tendência. No entanto, mais do que o elenco das questões colocadas a Saramago, interessa apurar o que as respostas do autor nos dizem sobre as suas conceções de escritor, de literatura, de romance, de criação literária, deixando de parte as escassas questões ligadas à vida privada do escritor.

Embora a pergunta de abertura, "O senhor tornou-se escritor tardiamente. Porquê?" [*ibidem*: 32], pareça ligar-se a aspetos da vida particular do autor de *A viagem do elefante*, ao responder com um périplo pelas suas publicações, desde a sua humilde estreia em 1947 com *Terra do pecado* até ao reconhecimento internacional com o *Memorial do convento* trinta e cinco anos depois, José Saramago acaba

por colocar a questão em terreno especificamente literário. Mesmo quando o entrevistador insiste, perguntando se "Houve algum acontecimento marcante que o tivesse tornado efetivamente um escritor profissional?" [*ibidem*: 35], esperando talvez suscitar a referência à saída do *Diário de Notícias*, Saramago evoca um aspeto do funcionamento da literatura enquanto instituição, mencionando a ausência de uma bolsa que lhe permitisse a dedicação exclusiva à escrita. Esta nota, associada à identificação dos marcos do seu processo de crescimento literário, contribui para a criação de uma imagem do escritor como um *self-made writer*. Curiosamente, apesar de afastar qualquer explicação biografista para a sua atividade literária, Saramago não deixa, no entanto, de a apresentar como resultado de um processo estritamente pessoal ao declarar "Eu creio que tinha de amadurecer" [*ibidem*: 36]. No entanto, de que factos e/ou forças resultou essa maturação, permanece um mistério, já que, nesta construção retrospetiva, tudo é apresentado como se fosse obra do acaso, sem que o próprio tivesse qualquer intervenção no que veio a suceder-lhe. Assim, "Foram as circunstâncias" [*ibidem*: 37] que fizeram dele escritor profissional, algo que, no entanto, segundo afirma, nunca ambicionou.

Há apenas dois fatores que reconhecidamente concorreram para que Saramago persistisse: "a evidência de que tinha leitores" [*ibidem*: 37] e a existência de "alguma coisa para dizer" [*ibidem*]. Ao valorizar o polo da receção, Saramago reconhece que nenhum escritor existe sozinho e que a literatura é sempre comunicação, quando não intervenção. O relevo concedido ao leitor não faz esquecer a figura do autor, que Saramago também põe em cena. O que foi determinante para ele foi perceber que havia um público interessado naquilo que ele tinha para dizer. Note-se, no entanto, que o leitor responde às propostas do autor, mas não as determina, pelo que não se pode falar de tirania do público.

Se a existência de um público foi essencial para que Saramago escrevesse, o mesmo não se pode dizer da sua atividade de tradutor, pois, em seu entender, "Ou tens a tua própria voz ou então não é o tempo que estás ocupado com uma voz alheia, o tempo que dura uma tradução, que te vai influenciar" [*ibidem*]. Deve-se dizer que,

ao contrário do que sucede noutras entrevistas literárias, Rodrigues dos Santos não aborda este assunto das influências. É verdade que Saramago se pronuncia sobre o possível caráter borgesiano que o fantástico dá aos seus romances, mas a questão parece remeter mais para o estabelecimento de uma família literária do que para a identificação de influências. Assim, aquilo que Saramago designa como "a tua própria voz" permanece inexplicado, surgindo como um aspeto "pessoal e intransmissível" que, por isso, identifica um autor, como se depreende do destaque que o Nobel confere a *Levantado do chão* no conjunto da sua obra: "De facto, o *Levantado do chão* é o livro decisivo: é o livro onde se define o estilo e o modo de observar" [*ibidem*: 36].

Através do seu estilo particular, o escritor "traduz através de um sistema de sinais: emoções, pensamentos, sonhos, devaneios" [*ibidem*: 39], pois, de acordo com Saramago, "O autor é um tradutor" [*ibidem*]. Segundo esta conceção, o escritor é ainda aquele que "deveras sente" e a linguagem e a literatura as mediadoras que levam ao leitor uma imagem do que se passa no seu interior.

Grande parte do questionário conduzido por Rodrigues dos Santos acaba por se centrar naquilo que confere a Saramago a tal "voz própria". Ele mesmo se demarca de um certo tipo de narrativa quando afirma: "O século XIX é no fundo feito de histórias de famílias, e até mesmo o próprio século XX. Mas eu necessito que se me apresente uma ideia, a que eu não chamo provocadora – porque penso que é uma palavra um pouco infeliz –, mas uma ideia que ponha cá fora alguma preocupação minha (…)" [*ibidem*: 41]. Encara, portanto, a escrita ficcional como questionadora da ordem estabelecida. Empenha-se, por isso, na construção de cenários alternativos que não visam a evasão, mas, pelo contrário, a consciencialização do leitor. Aquilo que, na opinião de Saramago, define um bom romance é bem esclarecedor a este respeito: "Embora isto possa parecer um pouco pretensioso, eu estou por aquilo que foi dito por Kafka: o romance deve ser uma acha capaz de romper o mar gelado da nossa consciência. E eu, mais ou menos, acrescentava isto: se não for assim, não vale a pena" [*ibidem*: 49].

Em consonância com o distanciamento da narrativa geralmente dita tradicional, o fazer literário do autor de *Todos os nomes* é indissociável

da redefinição do género romanesco no século XX, pois, como reconhece, "o romance abriu-se, deixou de estar preocupado com a história mais ou menos verosímil. E abriu-se a quê? Abriu-se à poesia, abriu-se ao drama, abriu-se ao ensaio, abriu-se à filosofia" [*ibidem*: 50].

Assinale-se ainda que esta interrogação perturbadora à qual a narrativa responde não incide sobre um objeto qualquer, mas apenas sobre algo decorrente das vivências do autor, pelo que a sua escrita elege aspetos relevantes da sua cultura, como se depreende quando clarifica: "Não tratarei do Alcorão porque o Alcorão não teve, nem tem, nem terá qualquer influência na minha pessoa" [*ibidem*: 57].

Apesar de em vários aspetos, como acabámos de ver, o romance de Saramago se afastar de certos parâmetros da narrativa de inspiração realista, não se pode falar de uma rutura absoluta com este modelo, já que ele, como bem sumariza o entrevistador, "a partir de um ponto de partida inverosímil, cria uma situação que depois é verosímil nas suas consequências" [*ibidem*: 42]. De facto, nas palavras do próprio escritor, "Uma história bem construída é indispensável; aquilo tem de estar estruturado, tem de manter-se de pé". Esta mesma posição subjaz à comparação do romance a uma árvore que só cresce até certo ponto. Saramago perfilha, assim, a conceção aristotélica do texto como um organismo vivo, no qual não há elementos desnecessários e perturbadores do seu bom funcionamento.

O próprio processo criativo do escritor parece refletir também esta conceção. O início e o fim são apresentados como se fossem de geração espontânea: "Normalmente o que acontece é que tenho muito claro o princípio e muito claro o final" [*ibidem*: 52]. O maior investimento por parte do escritor parece jogar-se entre estes dois extremos, de forma a ligá-los de maneira consequente.

No entanto, uma história bem urdida, com princípio, meio e fim solidários não é o principal ingrediente de um romance. Quando colocado perante a separação artificial e maniqueísta entre "o estilo da escrita" e "a história que conta" [*ibidem*: 47], afirma sem vacilar: "Para mim o mais importante de tudo é a linguagem" [*ibidem*]. Curiosamente, revela que apenas "nos últimos tempos" [*ibidem*: 48] tal primado deixou de ser praticado inconscientemente para passar a ser algo que

se lhe impôs. O escritor surge, deste modo, como alguém que reflete sobre a sua atividade e que, por isso, não estagna.

Pode-se talvez dizer que, de acordo com a importância atribuída por Saramago à linguagem na criação literária, à "provocação" à ordem instituída no plano da história se vai juntar uma maneira peculiar de escrever, ajudando a configurar o estilo saramaguiano. O seu caráter inovador é bem visível quando o entrevistador põe em causa a adequação do *Memorial do convento* ao contexto escolar, uma vez que este romance, segundo Rodrigues dos Santos, "viola a escrita, as regras da gramática" veiculadas pelo ensino. Na resposta, Saramago justifica o seu uso da pontuação por um desejo de "aproximação do discurso escrito ao discurso oral" [*ibidem*: 44]. Concebendo a fala como uma espécie de música, usa o ponto e a vírgula como "sinais de pausa" [*ibidem*: 44] a suscitar a intervenção do leitor, já que "O livro de alguma maneira é-lhe entregue inacabado, nesse particular" [*ibidem*]. Assinale-se esta pequena observação final, pois, de acordo com a lógica "sem grandes fraturas" [*ibidem*: 42] que preside à intriga, é no plano da expressão que o leitor é chamado a intervir. Acrescenta que não viola a sintaxe, apenas "abus[a] às vezes um bocadinho dela" [*ibidem*: 45]. No fundo, estas explicações questionam uma conceção uniforme de língua que confunde esta com a norma, sugerindo antes as múltiplas possibilidades que um idioma oferece.

De "mais uma" a "última"

O destaque conferido a esta entrevista apresentada como "A última entrevista de José Saramago" numa edição individual levanta a questão da pertinência da seriação ordinal ou cronológica das entrevistas.

À partida, este critério oferece a garantia de ser objetivo e incontestável. No entanto, a sua relevância pode ser posta em causa se lembrarmos que resulta de algo aleatório, alheio à vontade do entrevistado, pois não foi Saramago que decidiu não dar mais entrevistas.

Aquela que, em *Conversa de escritores*, é apenas "mais uma entrevista de Saramago", pela morte do escritor, viu-se, súbita e inesperadamente, transformada na sua "última entrevista". Tal serve para a distinguir de um conjunto imenso do qual fazem parte não só entrevistas dispersas por vários órgãos de comunicação, mas também entrevistas que, atestando a relevância adquirida pelo género no mundo literário e a proeminência do autor entrevistado, nasceram livro.

Deste modo, face a um esquecido termo *ad quem*, é o final de um período que ganha relevo. O jornalista vai mais longe ao considerar, na "Nota final", que esta entrevista representa "o derradeiro, e por isso mais completo, testemunho que o primeiro Prémio Nobel da língua portuguesa prestou sobre a sua obra (…)" [*ibidem*: s/p]. As diversas entrevistas de Saramago são perspetivadas como uma sequência acumulativa de que a dita última entrevista seria o fecho da abóbada. No entanto, o caráter fortuito das entrevistas, a curta duração deste diálogo e o facto de ser um acaso que fez dele a última entrevista comprometem seriamente esta visão, tornando-se evidente a natureza artificial do valor atribuído à entrevista, valor esse que, para além de prestigiar o entrevistador, justificaria não só a edição individual, mas também a sua compra por parte do público. É verdade que a reedição da entrevista que, por morte do autor, se tornou a última não é invulgar. Foi o que fizeram, por exemplo, a *Folha de São Paulo*, o *JL* e o *JN* quando Saramago faleceu. Porém, tal gesto não parece derivar da ideia de que "os últimos são os primeiros", mas constituir antes uma forma de homenagem através da qual se recordam as derradeiras palavras do escritor ao jornal, ao mesmo tempo que se leva ao leitor uma espécie de retrato atualizado do autor.

Últimas palavras

Em suma, *A última entrevista de José Saramago* não nos lega apenas aquela conversa em que, casualmente, pela derradeira vez, o escritor português se pronunciou sobre a poética da sua obra, o seu processo

de criação literária ou a sua conceção de escritor e de romance. Como é típico deste tipo de interação linguística, é o entrevistador que, enquanto coenunciador, orienta o rumo do diálogo. No entanto, no conjunto do volume, o jornalista não surge apenas neste papel. Quando não é o responsável por textos destinados a construir o valor da entrevista que conduziu, é dele que fala a voz autorizada da viúva de Saramago para sublinhar a sua competência e profissionalismo. O excerto destacado na badana da capa é bem elucidativo a este respeito. A edição desta entrevista confere-lhe um protagonismo que rivaliza com o do entrevistado. Afinal, não será por acaso que é dele a única fotografia que encontramos no volume que encerra o que significativamente se apresenta como "*o seu* sexto ensaio" (itálico nosso).

Referências bibliográficas

LEJEUNE, P. (1986), "L'image de l'auteur dans les médias", em: *idem*, *Moi aussi*, Seuil, Paris, pp. 87-99.

MARQUES, C. V. (2009), *Entrevistas da* Paris Review, Tinta-Da-China, Lisboa.

SANTOS, J. R., dos (2010), *Conversas de escritores. Diálogos com os grandes autores da literatura contemporânea*, RTP/Gradiva, Lisboa.

SANTOS, J. R., dos (2011), *A última entrevista de José Saramago*, RTP/Gradiva, Lisboa.

SARAMAGO, J. (1998), *Cadernos de Lanzarote. Diário V*, Caminho, Lisboa.

SARAMAGO, J. (2009), "Saramago: «De degrau em degrau, vamos descer até ao grunhido»", [on line] http://diariodigital.sapo.pt/news.asp?id_news=401100 – 21.01.2014.